



Bruno Moraes Cabral

'As praxes estão cada vez mais generalizadas'

O mais recente documentário do realizador é uma verdadeira incursão no mundo das iniciações académicas. *Praxis* estreia-se no próximo DocLisboa, na competição nacional de curtas, a 21 e 26, à noite, na Culturgest

POR TERESA CAMPOS

Porquê um documentário sobre este universo?

O que me chamou a atenção, nos últimos anos, foi o aumento generalizado da prática. Antigamente, era algo mais restrito a Coimbra e a algumas universidades; agora passou a ser uma realidade em todo o País – e é algo prolongado no tempo, já não é circunscrito a uns dias, no início do ano letivo. Tem valores muito fortes associados, como a hierarquia, a submissão, a humilhação, daí que me tenha parecido importante abordar o tema e o seu significado.

Que razão encontrou para que se tenham generalizado?

As praxes são vistas como a forma de integração. Os que passam por isso, no ano seguinte também querem fazê-lo. Parece que dizem «agora vai ser a minha vez». Como é uma forma de as pessoas se sentirem integradas, de conhecerem outras e fazerem amigos, são também levadas a pensar que é a melhor forma de o fazer – e daí que o repitam. Mas o

filme não quer ter um olhar crítico. Procuo é entrar nesta realidade e criar o debate: o que é bom, o que é mau, o que deve ser restringido. Porque todos dizem «aqui, a praxe é boa» – e não duvido de que, na maioria dos casos, as intenções sejam boas.

Qual o retrato do que encontrou?

Fomos a 19 faculdades, em Lisboa, Coimbra, Aveiro, Évora, Beja... O mais curioso foi que em todo o lado encontrámos as mesmas brincadeiras, os mesmos jogos, os mesmos cânticos. Há também o gatinhar e as flexões e outras práticas mais militarizadas. Algumas são mais aborrecidas, outras mais engraçadas. Em Évora, no programa existe uma coisa que é a Sapatada, em que as pessoas tiram um sapato no início do dia, vai tudo para uma enorme pilha e à noite é que vão lá à procura do par. Há também locais com as suas especificidades – como em Agronomia, que tem animais – mas em geral são muito semelhantes.

O que o impressionou mais?

Foi exatamente isso de ser igual em todo o lado. Não estava à espera. A maioria dos estudantes participa – mas, apesar do empenho e do envolvimento, em algumas situações também se sente que é uma rotina, que fazem porque sim, porque tem de ser. Seja os que mandam seja os que obedecem. É algo que está interiorizado mas com uma ligeira acomodação.

Os estudantes filmados explicam por que estão ali?

Eles nunca falam para mim. Há algumas imagens em que falam para a câmara mas nunca para se justificarem. Como é supostamente uma tradição, pensei que mais valia observá-la e deixar que depois cada um faça o seu juízo de valor. Foi essa a minha intenção.

Como decorreram as filmagens?

Foram três meses, de setembro a novembro do ano passado. Procurámos informar-nos sobre o que havia de relevante no programa e estar presentes. Foi-nos quase sempre facilitado o acesso. Mas também não fiz questão de filmar o que não era autorizado. Quando diziam «não» também não ia atrás. Percebi que o clima em Coimbra à noite era tenso. Aliás, ali o código da praxe proíbe filmar.

E não teve a tentação de mostrar o escondido?

Nunca insisti, quando diziam que não. Mas sei que há momentos em que a violência psicológica está presente e se aproxima da física. Por exemplo, em Coimbra, à noite, rapam o cabelo das pessoas.

Há praxes inteligentes e praxes estúpidas?

Sim, claro. Acho muito bem que as pessoas encontrem maneira de conviver, conheçam-se, façam jogos em conjunto. A praxe é isso, mas na maior parte dos casos também é feita na ótica de uns mandarem e outros fazerem.

E isso também é aceite?

Hoje, toda a gente passa pelas praxes porque quer ou acha que tem de ser. Quem não quer, não vai. Mas também há consequências para quem não participa. Como são a forma de integração na comunidade estudantil, mostram-se incontornáveis. As pessoas que não participam certamente sentem isso. Pelo menos no primeiro ano, ficam de parte. E há pressões: do género 'se não participas, não vais ter ajuda quando precisares dos apontamentos do ano passado'. ▣